

GEPOLÍTICA DA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO: (PARA ALÉM DO) CATAR 2022

José Eliomar Filho¹

Resumo: A Copa do Mundo de futebol masculino, evento esportivo de maior magnitude do planeta, é investigado no presente ensaio pela ótica da geopolítica a partir do jogo de interesses político/econômico que envolve estados nacionais, entidades, empresas, dirigentes e atletas em busca de poder sobre o território(s) onde o Catar se coloca como principal protagonista dessa análise. Também, países participantes da Copa do Mundo ou, indiretamente, envolvidos em questões geopolíticas atuais são observados criticamente em suas ações, os quais objetivam alcançar interesses geopolíticos, por meio do futebol, colocando-o como instrumento de poder e tendo a FIFA como permissiva ou interessada nesse processo.

Palavras-chave: Geopolítica; Copa do Mundo; Catar; Poder.

Geopolitics of the Men's Football World Cup: (beyond) Qatar 2022

Abstract: The men's soccer World Cup, the biggest sporting event on the planet, is investigated in this essay from the perspective of geopolitics from the political/economic interest game that involves national states, entities, companies, leaders, athletes in search of power to be demonstrated on territory(ies) where Qatar is placed as the main protagonist of this analysis, but countries participating in the World Cup or indirectly involved in current geopolitical issues are also critically observed in their actions aimed at achieving geopolitical interests from the use of the football as an instrument of power, with FIFA as a permissive or interested party in this process.

Keywords: Geopolitics; World Cup; Qatar; Power.

Geopolítica de la Copa del Mundo de Fútbol Masculino: (más allá) Qatar 2022

Resumen: El Mundial de fútbol masculino, el mayor evento deportivo del planeta, es investigado en este ensayo desde la perspectiva de la geopolítica desde el juego de intereses político/económico que involucra a estados nacionales, entidades, empresas, líderes, atletas en busca del poder para demostrarse sobre territorio(s) donde Qatar se ubica como el principal protagonista de este análisis, pero los países participantes en la Copa del Mundo o indirectamente involucrados en temas geopolíticos actuales también son observados críticamente en sus acciones dirigidas a lograr intereses geopolíticos a partir del uso del fútbol. como instrumento de poder, con la FIFA como parte permisiva o interesada en este proceso.

Palabras-clave: Geopolítica; Copa del Mundo; Qatar; Poder.

¹ Especialista em História Econômica e Social do Brasil (FSBB) e professor da educação básica das redes municipais de Salvador e Camaçari. E-mail: jeliomarfilho@yahoo.com.br. Salvador - Bahia.

INTRODUÇÃO

O poder político que o futebol apresenta há tempos explica o insaciável interesse de atores políticos/econômicos globais em se beneficiar dos acessos que esse esporte pode proporcionar a empresas, entidades, dirigentes e estados nacionais. Esse jogo de interesses globais é praticado com diversas armas em que a geopolítica se apresenta como uma das mais poderosas e, ao mesmo tempo, mais escusas formas de consecução de seus objetivos.

O uso da Copa do Mundo, símbolo máximo do futebol no mundo, é uma das estratégias que Estados Nacionais utilizam para remodelar sua imagem perante outros, estabelecendo acordos e laços com entidades, empresas, atores notáveis do cenário global que, por vias diplomáticas, pareciam intransponíveis e, nesse contexto, o Catar usou muito bem desse artifício, no caso o emprego do *sportwashing*², conforme discutiremos neste ensaio.

Desde a sua perplexa escolha como sede em 2010, passando pela construção da infraestrutura para receber a Copa do Mundo Masculina, violando inúmeros direitos humanos com trabalhadores, trazidos em massa de países pobres do sul/sudeste asiático e do continente africano, além de posicionamentos políticos e sociais antagônicos ao que hoje boa parte dos Estados Nacionais do ocidente defendem, o torneio neste país do Oriente Médio foi repleto de polêmicas, discussões e questionamentos na imprensa, como também foi questionado por analistas políticos e defensores dos direitos humanos.

Portanto, a proposta neste presente ensaio é estabelecer um olhar crítico e tecer considerações a partir da geopolítica sobre os fatos que envolveram todo o processo de escolha, estruturação e acontecimento do maior torneio esportivo do mundo, realizado em 2022, no Catar.

GEOPOLÍTICA, FUTEBOL, FIFA, COPA DO MUNDO, ESCOLHA DO CATAR

Geopolítica e futebol possuem similaridades consideráveis que ajudam a explicar o imbricamento que ambos estabeleceram desde o início do século passado, com seus caminhos se entrecruzando desde então. Esses foram sistematizados, na segunda metade do século XIX, na Europa, e inseridos em um cenário político, de expansão de territórios dos Estados Nacionais europeus pelo mundo, conhecido como imperialismo, e em um cenário econômico, materializado no capitalismo,

² Junção de palavras inglesas significando “lavagem esportiva”, termo utilizado pela primeira vez em 2008 pela Anistia Internacional para acusar o *Abu Dhabi United Group* (de propriedade do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, meio-irmão do atual presidente dos Emirados Árabes Unidos) de adquirir o clube inglês Manchester City para ‘lavar’ sua ‘imagem manchada’ objetivando esconder os crimes cometidos contra opositores, os parcos direitos das mulheres no emirado e a censura vivida pela população.

em sua fase industrial, pulsante na Europa a partir da ordem mundial vigente.

A Geopolítica é um braço da Geografia Política, que ramificou da ciência geográfica com estudos, conceitos e teorias sobre o papel da Geografia na construção e desenvolvimento dos Estados Nacionais sob diversos aspectos, desde o econômico até o militar, passando primordialmente sobre a análise de questões de fronteira, posição geoestratégica, conhecimento dos aspectos naturais que os territórios dos Estados Nacionais apresentavam etc. A obra de 1897, do alemão Friedrich Ratzel, *Geografia Política*, representou o marco desses estudos, no continente europeu, em um cenário mais do que propício para que essas análises brotassem justamente na Alemanha: a unificação dos territórios em torno de um Estado Nacional, realizada, de forma tardia e politicamente frágil; as disputas por fronteiras cruciais política e econômicas contra a França; resultando em guerra e a insatisfação, considerada desproporcional pelos alemães, na repartição do continente africano, no congresso de Berlim, entre 1884 e 1885.

A política imperialista dos principais Estados Nacionais europeus era a palavra de ordem naquele fim de século, em que se buscava um crescimento econômico e político a partir da exploração de riquezas naturais e de povos em territórios africanos, mas também asiáticos e da Oceania. O uso da força militar e bélica na subjugação de povos, a disponibilidade tecnológica de então para prospectar e retirar a exaustão as riquezas no solo, subsolo, rios e oceanos dessas áreas e a imposição cultural, sobrepondo tradições, crenças e técnicas, marcaram a ação imperialista em nome da ‘civilização’, o que Joseph Ki-Zerbo conceitua como processo de roedura das riquezas disponíveis na África e a pilhagem desses recursos, bem como a dilaceração cultural nativa (MILANI, 2009). Logo, a Geografia em seu braço político serve de sustentáculo científico para justificar as práticas dos Estados europeus.

O termo *Geopolítica* surgiu, no início do século passado, com o sueco Rudolf Kjéllen, a partir dos seus estudos em Direito Político, sendo altamente influenciado pelo pensamento ratzeliano na sua já citada obra. Wanderley Messias da Costa entende que a forma como a geopolítica foi apresentada pelos seus principais nomes, naquela época, seria antes de tudo “um subproduto e um reducionismo técnico e pragmático da geografia política”, tendo em vista que “se apropria de parte de seus postulados gerais para aplicá-los na análise de situações concretas, interessando ao jogo de forças estatais projetado no espaço” (COSTA, 2010, p. 55) com esses Estados Nacionais. De acordo com Bertha Becker, usando desse poder que a Geopolítica os ofertava perante seus espaços dominados e aqueles almejados, a serem a “única unidade política da ordem mundial” (BECKER, 2005, p. 273), naquele período, reforça o caráter de exclusividade dos Estados-Nação na “capacidade de tomar decisões e mantê-las frente ao interesse de outros Estados” (Idem, p. 274). Essas análises dialogam com o uso feito pelos líderes políticos da Europa, no período, para reiterar a necessidade de exploração, a citar,

em terras africanas, usando desse naco da geografia política para corroborar com seus anseios de expansão territorial na obtenção de riquezas naturais e subjugação de povos.

O futebol também foi sistematizado e organizado, na segunda metade do século XIX como um esporte de prática coletiva já há algumas décadas, amplamente, praticado na Inglaterra, em diversas escolas, e posteriormente por operários. Esse foi um período em que os ingleses expandiram consideravelmente sua atuação e influência pelo mundo com práticas imperialistas principalmente na África e Ásia. Junto com as tropas, *expertise* militar, máquinas, equipamentos, tecnologias, que representavam a Revolução Industrial desse poderoso Estado Nacional, sua cultura também invadia os espaços dominados e o futebol era um poderoso representante de demonstração política que a Inglaterra impunha ao mundo naquele período. Primeiro o futebol atravessou o Canal da Mancha e se expandiu rapidamente pela Europa, depois cruzou os oceanos e onde se encontravam comerciantes, industriais, trabalhadores, estudantes ingleses, chegou e se tornou febre a partir do final do século dezenove.

Se de um lado, as teorias defendidas por Ratzel, em sua Geografia Política, impulsionaram a produção teórica e as práticas geopolíticas, no início do século XX, alimentando os anseios imperialistas dos Estados Nacionais europeus que utilizaram do subproduto da ciência geográfica para justificar, do ponto de vista teórico, suas ações para além dos seus próprios territórios com práticas militares que usavam da força bélica, opressão e subjugamento dos povos conquistados e que desembocou nas duas Guerras Mundiais, o futebol também representou a expansão política desses Estados-Nações da Europa, em destaque para a Inglaterra, contribuindo na abertura de espaços para seus interesses comerciais, como empresas de instalação de infraestrutura, cultura e modalidades esportivas. Assim, ele se caracterizou pelo *soft power*, aquele poder que conquistava sem dar um tiro, sem ameaçar nem oprimir os povos dominados, mas sim pelo fascínio que exerce.

É crucial o reforço no apontar de que essa expansão imperialista europeia pelo mundo era resultante da importância que o capitalismo alcançou, no século XIX, na sua fase industrial, a geopolítica e suas teorias formuladas serviram de alicerce e foram utilizadas para justificar os domínios territoriais que interessavam econômica e comercialmente aos Estados Nacionais europeus.

Com a obra inaugural do pensamento político dentro da Geografia, feita por Friedrich Ratzel e servindo de suporte teórico para o estado alemão demonstrar e executar seus interesses de expansão territorial como espaço vital, as ameaçadas França e Inglaterra agilizaram em construir suas teorias de combate à geopolítica alemã. Se os franceses avançaram na crítica ao pensamento ratzeliano, primeiro com Paul Vidal de La Blache, que antagonizou o determinismo geográfico do alemão com

seu possibilismo geográfico³, e na sequência as ideias de Camille Vallaux e Jean Brunhes, que buscaram reduzir o peso da poder dos Estados nacionais sobre o espaço, apontando ser sim a sociedade dotada de maior capacidade a partir do movimento social de decidir os rumos políticos sobre o território (COSTA, op.cit.), os ingleses tiveram em Halford Mackinder seu mentor geopolítico ao defender o *poder terrestre*, ou seja, a divisão do mundo em duas partes (Ilha Mundial/*Heartland* e Crescente Insular), onde o poder político estava concentrado na *Heartland*, área composta pela Eurásia e, ao seu ver, quem dominasse esse espaço, com ponto crucial no leste europeu, dominava o mundo (BECKER, op.cit.).

Dentro de todo esse contexto geográfico-político, o futebol foi levado a reboque, junto com os que iriam administrar negócios, obras, implantar comércios, aparatos militares que iriam controlar pela força determinados espaços a interesses imperialistas e estudantes que regressavam aos seus países. Apesar de inicialmente ter um caráter amadorístico, logo se tornou uma atividade econômica a movimentar muito dinheiro e gerar interesses diversos.

Apesar de a gênese britânica e sua expansão global ocorrer pelos pés desses, a ampliação da organização do futebol pelo mundo se deu por outros países à revelia dos inventores do esporte. Organizados internamente desde 1863, na *Football Association*, os ingleses desprezaram a formação de uma federação internacional de futebol no princípio do século XX, por alguns dirigentes de países europeus que acabaram fundando a *Fédération Internationale Football Association*, a FIFA, em 1904, tendo representantes de seis países do continente e liderados pela França. Um ano depois, temendo a perda de controle político sobre o futebol, os britânicos ingressaram na Federação para continuar capitaneando o esporte, tanto que assumiram a presidência da entidade com Daniel Woolfall em 1906, demonstrando o poder que tinham politicamente àquela altura.

O mandato desse durou treze anos e basicamente sua meta principal foi proteger os interesses dos criadores do futebol na condução do esporte. Com isso, não estimulou o desenvolvimento do futebol pelo mundo nem disputas entre países através de competições. O lado europeu da Federação, desde a sua fundação, ansiava pela realização de um torneio mundial, conforme aponta seu primeiro Estatuto, debatido no Segundo Congresso da FIFA, em Paris, em 1905, com o dirigente francês, Jules Rimet, ao propor que o campeonato fosse realizado no ano posterior com sede na Suíça, o que não se confirmou (CABO, 2013).

A gestão Woolfall e a Primeira Guerra Mundial impediram a realização de um campeonato de seleções, na década de 1910, e só

³ Em *Geografia Política* (1898), Ratzel defendia que o indivíduo é produto do meio em que vive, tendo o Estado nacional o poder de determinar a ação deste pelo espaço a partir da defesa dos interesses estatais. La Blache fez um comentário crítico sobre a ideia do alemão, destacando que os indivíduos estão sujeitos à influência do meio natural, mas também das formas de vida, lhes cabendo escolher viver ou não em dados lugares a partir do que é oferecido pelo meio.

quando Jules Rimet alcançou o comando da FIFA, no início dos anos vinte, foi possível colocar em prática o sonho do torneio internacional de futebol masculino. As disputas de futebol, nos Jogos Olímpicos de Antuérpia (1920), organizado pela Federação, Paris (1924) e Amsterdã (1928), estimularam a FIFA a construir seu próprio torneio, a Copa do Mundo.

O resultado da Primeira Guerra Mundial desencadeou a saída da Inglaterra pela primeira vez do quadro de associados da FIFA. Ela não concordou em perder na votação para a exclusão da Alemanha, Hungria e Áustria dos quadros da federação e, em reunião durante a Olimpíada da Antuérpia, os ingleses propuseram mais: o fim da entidade. Tentou usar do poder que possuíam por serem a maior referência do esporte até então para impor seus interesses. Não aceito, eles se retiraram retornando em 1924, saindo novamente quatro anos depois (por não concordarem com o recebimento de verba pelos atletas enquanto estavam jogando torneios por suas seleções, o *broken time*) e só retornaram após a Segunda Guerra Mundial. Mesmo com tantos conflitos com os inventores do futebol, a FIFA manteve seus planos e conseguiu realizar seu primeiro torneio mundial, realizado no Uruguai em 1930 (Ibidem).

A Copa do Mundo foi parar no pequeno país sul-americano por motivos tanto esportivos quanto políticos. Sem os meios de comunicação e de transporte que hoje dispomos, os desconhecidos uruguaios espantaram a Europa ao apresentar um futebol deslumbrante e ganharam a medalha de ouro na Olimpíada de 1924, de forma invicta e, quatro anos depois, repetiram a dose, se tornando definitivamente a *Celeste Olímpica*. O sucesso uruguaio nos campos estava atrelado ao nível técnico e tático dos atletas e à comissão técnica, mas também ao presidente da Associação Uruguaia de Futebol, Atilio Narancio que bancou os custos da viagem da delegação rumo às Olimpíadas em Paris e do diplomata Enrique Buero, fundamental articulador da filiação uruguaia na FIFA e, principalmente, da realização da primeira Copa do Mundo de seleções em seu país.

Em encontro com Buero, em 1925, Jules Rimet propôs que o país sul-americano realizasse o torneio internacional, tendo em vista o sucesso da Celeste em campos europeus, o interesse do diplomata pelo futebol e a popularidade que o esporte já possuía entre o povo uruguaio. Apesar de confirmada a certeza no Congresso de Zurique, em 1928, da realização de um torneio mundial de futebol para dois anos depois, só no Congresso de Barcelona, em vinte e nove, foi definida que a candidatura uruguaia articulada pelo diplomata Buero era a escolhida, clara demonstração do *soft power*. O uso da diplomacia foi crucial para articular a vinda para a América do Sul de delegações europeias visando à disputa do torneio, as quais foram quatro: França, Bélgica, Romênia e Iugoslávia (Ibidem).⁴

⁴ A Associação Uruguaia se comprometeu com todos os gastos das seleções participantes do torneio: transporte, alojamento e alimentação para 17 representantes. No ano do evento, os europeus aumentaram a pedida: aumentar as delegações para

Saltando da escolha da primeira para a última sede da Copa do Mundo de Futebol Masculino, a opção pelo Catar causou susto e polêmica desde o seu anúncio em 2010. Em reportagem do dia da escolha (2 de dezembro), o site *Globo Esporte.com* já destacava que o país do Oriente Médio nunca havia disputado a fase final do torneio, tendo pouca tradição no esporte e o calor desértico, entre junho e julho (período que sempre a Copa foi disputada), no minúsculo território, traria riscos aos atletas. Logo as peças foram sendo encaixadas e o enredo que levou o Catar, seleção praticamente irrelevante no mundo do futebol, a se tornar sede do maior torneio de um esporte no planeta veio à tona (FIFA, 2010).

Estabelecendo uma cronologia dos indícios que apontavam para diversas irregularidades que envolveram a última Copa, chegamos ao ponto inicial da data de 23 de novembro de 2010, referente a um encontro entre o então presidente da França, Nicolas Sarkozy, o da UEFA, o também francês, Michel Platini, e o xeque catariano Hamad bin Khalifa Al-Thani. Esse encontro realizado em Paris, dias antes da escolha pela FIFA dos torneios de 2018 e 2022 apontam indícios de manobras de bastidores para o Catar se tornar sede da Copa, ao invés dos Estados Unidos (PJEVAC, 2022).

O Estado Nacional Francês foi o principal cabo eleitoral do pequeno país árabe nessa empreitada e o papel de Platini, com forte influência no comitê executivo da FIFA devido ao cargo que ocupava naquele momento, era convencer seus pares na entidade mundial a desfazer um acordo costurado meses antes de as copas dos anos indicados serem respectivamente na Rússia e nos Estados Unidos.

O poder geopolítico que a França acirrava com outras potências europeias, durante a fase imperialista, concentrando forças encerradas no Estado-Nação, após a Segunda Guerra Mundial, se reconfigurou, como também se ressignificou, ao ressaltar o papel da tecnologia e da ciência nesse processo de diferenciações espaciais, a partir, por exemplo, da acumulação de capital, conseqüente de avanços técnico-científico-informacionais, o que criou possibilidades de internacionalização da economia a partir de um mercado unificado e da formação de um espaço de fluxos financeiros, mercantis e de informação que agora repartem o poder com os Estados Nacionais dentro da geopolítica, que se inovou (BECKER, op. cit.).

O jornal inglês *The Sunday Times* divulgou, em 2019, o pagamento de 880 milhões de euros à FIFA pela rede de televisão catariana *Al Jazeera*, controlada pelo governo do país, com o intuito de comprar votos pela eleição dos árabes. Em 2013, a revista *France Football* divulgou uma matéria intitulada “Qatargate” que trazia acusações de compra de votos para a escolha da sede, movimentações suspeitas na véspera do pleito e conchavos políticos. Já o periódico inglês teve acesso a documentos que

vinte pessoas e as verbas para os participantes. A solução diplomática de Enrique Buero foi trocar as passagens de primeira para segunda classe nos navios e arrumar amistosos em solo sul-americano para as seleções europeias. Jules Rimet pessoalmente intercedeu junto à França e à Romênia para ambos seguirem rumo ao Uruguai.

apontaram que vinte e um dias antes da escolha da sede da Copa a empresa pagou uma primeira parcela, restando outras duas e mais uma bonificação de 100 milhões de euros pelo êxito na operação, no caso a ida do torneio para o Oriente Médio (FRANCE, 2013).

O sítio *Placar*, em reportagem sobre a denúncia do jornal britânico, destacou conforme o *Sunday* que “a prática representaria ‘enorme conflito de interesses para a Fifa e uma violação de suas próprias regras, pois o dono da Al Jazira na época era o emir do Catar Sheikh Hamad [pai de Tamim al-Thani]’. [...] “um vasto acordo de TV oculto quebrou regras de licitação”, trazendo ainda mais polêmica e contestações sobre a escolha (CATAR, 2021). O governo catariano não visa geopoliticamente a ampliar seu território que, por sinal é minúsculo⁵, como os Estados Nacionais, na geopolítica clássica, buscavam, mas o seu poder de influência global a partir do capital financeiro que possui devido à prospecção de petróleo.

Michel Platini, que almejava ser presidente da FIFA, acabou banido do futebol por oito anos em 2015 após receber pagamentos indevidos de Joseph Blatter, ex-presidente da entidade máxima do futebol. Ambos foram investigados por recebimento de corrupção para apoiar o Catar na sua empreitada de sede da Copa, sendo o ex-craque da seleção francesa posteriormente inocentado. Já Blatter, semanas antes do início do torneio, em entrevista assumiu ter sido um erro a escolha do pequeno país árabe. Ele apontou que o encontro, na sede do governo francês dias antes da escolha, fez Sarkozy pressionar Platini a votar em favor dos catarianos, conseguindo adesões cruciais para a vitória do xeque Hamad. (BLATTER, 2022).

E qual o interesse do estado nacional da França em apoiar o Catar? Nicolas Sarkozy negociava a venda de caças franceses ao governo catariano, selada a transação em 2015 já no governo de François Hollande no valor de 6,3 bilhões de euros. Houve à época suspeita de que Sarkozy também fez lobby para a compra, um ano depois da escolha do Catar como sede da Copa, do Paris Saint-Germain pelo fundo catariano *Qatar Investment Authority*. O acordo teria sido selado, de acordo com reportagem do sítio *Terra* no mesmo encontro entre Sarkozy, Platini e Hamad (FRANCE, op.cit.).

Em síntese, toda essa articulação, empreendida pelo Catar a partir do futebol usando do seu poder econômico com a comercialização de petróleo, na obtenção de poder político, tinha como objetivo a imposição dos seus interesses geopolíticos, o que demonstra a importância que esse esporte representa no cenário global, servindo de sustentáculo para interesses econômicos e geoestratégicos para os Estados Nacionais, que utilizam destas novas armas em oferta no cenário técnico-científico-informacional atual.

⁵ A área territorial do Catar é pouco menos da metade do menor estado brasileiro, Sergipe, com 22.050 km². O país árabe possui 11.571 km².

PARA ALÉM DA COPA DO MUNDO: CATAR 2022

Desde o anúncio como sede em 2010, até o pontapé inicial do torneio em novembro de 2022, polêmicas rechearam o noticiário com reportagens sobre: violação de direitos humanos dos trabalhadores estrangeiros que vieram construir os estádios; homofobia com turistas homoafetivos que pretendessem ir ao Catar assistir aos jogos e misoginia com mulheres que visitavam o país e foram agredidas sexualmente, as quais deixaram de ser vítimas desses abusos para se tornarem rés.

Mesmo com protestos, principalmente de seleções europeias contrárias à realização do evento no país árabe, a FIFA referendou a realização da Copa no Catar. A geopolítica, hoje, não é mais exclusiva de atendimento dos anseios e interesses dos Estados Nacionais, pois ela também serve a grupos econômicos, entidades com o cunho de expansão de territórios a partir de mercados, zonas de influência comercial e estratégias de marketing para a expansão de marcas de caráter global. A FIFA impôs e chancelou a Copa no Catar, porque economicamente e geopoliticamente era fulcral avançar sua presença no mundo árabe.

OS PASSAPORTES COSTARRIQUENHOS

Três dias antes do início da competição, chamou atenção a notícia do cancelamento de uma partida amistosa preparatória da Costa Rica, participante da Copa, contra o Iraque em território iraquiano. O motivo era que um acordo entre as federações de futebol dos dois países de não carimbar o passaporte da delegação costarriquense ao entrar no Iraque foi descumprido quando eles chegaram à alfândega. Um carimbo iraquiano no passaporte dificultaria o acesso aos Estados Unidos, país onde atletas, dirigentes e comissão técnica da Costa Rica transitam bastante por razões desportivas, além de poder gerar uma crise diplomática com o seu maior parceiro comercial. No primeiro mês como presidente da nação norte-americana, Donald Trump determinou a proibição da entrada de cidadãos vindos de sete países, dentre eles o Iraque. Com o descumprimento do acordo, o amistoso que seria realizado em Basra, no sul do Iraque, foi cancelado. A Costa Rica resolveu não arriscar, temendo dificuldades de acesso aos Estados Unidos com o carimbo iraquiano no passaporte (COPA ALÉM DA COPA, 2022a).

GRUPO B DA COPA E O ENCONTRO DE INIMIGOS HISTÓRICOS

O Irã nem havia entrado em campo ainda no Catar e já se envolveu em polêmica na véspera do início do torneio. Na tradicional entrevista coletiva antes da primeira partida, o técnico iraniano, o português Carlos Queiroz foi questionado por um jornalista inglês “se ele se sente bem representando um país que reprime os direitos das mulheres” (COPA ALÉM DA COPA, 2022b). Ele se referia à onda de protestos que o Irã vivia

devido ao assassinato de uma jovem pela Guarda Revolucionária do país por supostamente não usar o véu da maneira que consideraram como correta, artigo obrigatório para as mulheres. Queiroz retrucou questionando o repórter sobre o quanto ele se preocupava com a crise dos imigrantes no Reino Unido e abandonou a coletiva.

Na véspera da terceira partida do grupo B⁶, contra os Estados Unidos, seu maior inimigo geopolítico e disputando contra eles a classificação para uma vaga nas oitavas-de-final, mais duas situações tensas envolveram a seleção iraniana. Novamente na coletiva antes do jogo, o técnico português questionou os jornalistas a perguntarem ao seu colega inglês Gareth Southgate “o que ele acha da Inglaterra e dos EUA terem deixado as mulheres do Afeganistão sozinhas?” (COPA ALÉM DA COPA, 2022c), reacendendo as rugas com a imprensa iniciadas no começo da Copa. A outra polêmica envolveu a Federação de Futebol dos Estados Unidos, que, em suas redes sociais, postou a classificação do grupo B antes da decisiva partida contra os iranianos sem o símbolo central da bandeira do Irã, o *Tawhid* (COPA ALÉM DA COPA, 2022d).

Esse símbolo indica a adoção do monoteísmo no país, inserido na bandeira após a Revolução Islâmica de 1979, que buscou banir a influência ocidental da cultura iraniana, principalmente britânica e estadunidense, países que protagonizaram em 1953 um golpe de estado no primeiro-ministro iraniano Mohammad Mosaddegh por esse defender a nacionalização do petróleo iraniano. Por sinal, o futebol foi visto, na primeira hora da Revolução, como um símbolo ocidental a ser banido, uma vez que o campeonato nacional só foi retomado dez anos depois, e a seleção desapareceu de competições internacionais, durante os anos oitenta, com raras exceções (STEIN, 2022a). A retomada do futebol no país, na década de noventa, foi uma prova da resistência do esporte, sobrevivendo a perseguições, boicotes, sanções, tanto que a seleção retornou a uma Copa do Mundo, em 1998, na França, e se posicionou novamente com uma das maiores referências futebolísticas do Oriente Médio e do continente asiático.

Voltando ao contexto geopolítico, os ingleses na lógica imperialista e usando da teoria de Mackinder de dominação da *Hinterland* para preponderância no espaço global se posicionaram estrategicamente no Oriente Médio ao ter conhecimento das grandes reservas petrolíferas contidas na região e do controle territorial na forquilha Europa-Ásia-África que aquele espaço se localiza. Principais exploradores do recurso iraniano, desde o início do século vinte, por meio da empresa *Anglo-Iranian Oil Company*, eles firmaram em contrato à época repassar apenas 16% do que lucravam aos cofres do Estado do Irã, além de não abrir os livros financeiros da empresa para os auditores do país. Décadas de não colaboração dos ingleses para auditar o quanto arrecadava, Mosaddegh decidiu com o apoio do parlamento do país nacionalizar a extração

⁶ No formato atual de 32 seleções, elas são divididas em oito grupos de quatro equipes, da letra A até H.

petrolífera ao chegar ao poder após a Segunda Guerra Mundial. Através do seu cargo, rompeu relações diplomáticas com a Inglaterra ao descobrir conspirações para lhe derrubar do posto, agravando a crise entre os países. Os Estados Unidos surgiram como terceiro elemento nesse processo ao se apresentar simpáticos à causa iraniana, mas sua real intenção era se sobrepor aos ingleses no controle geopolítico e, principalmente, na exploração do recurso no Oriente Médio. Internamente, Mossadegh já vinha se desgastando com o não cumprimento de promessas de campanha, abrindo margem para a atuação geopolítica das duas potências ocidentais no intuito de destituí-lo do poder. A ação golpista foi batizada de “Operação Ajax”, retirando o premier do controle político do Irã em 1953, e ampliando a força do xá Reza Pahlavi, monarca iraniano submisso aos algozes da nação. A atuação da dupla imperialista nesse cenário nos remete à teorização do sentido de poder, realizada pelo geógrafo suíço, Claude Raffestin.

Tanto Inglaterra quanto Estados Unidos usavam do seu poder enquanto representação dos seus respectivos Estados Nacionais como forças hegemônicas globais, atuando por todos os flancos, principalmente em territórios de interesse, considerados inferiores política/militarmente. Isso causava medo por que “controlam a população e dominam recursos [...] perigoso[s] e inquietante[s], inspira[ndo] a desconfiança pela própria ameaça que representa[m]” (RAFFESTIN, 1993, p. 52), mas também do poder, aquele imposto nas sombras, arquitetado sem registros que possam ser divulgados no noticiário. No entanto, essa situação gerou forte desestabilidade política e social ao território, conforme ingleses e estadunidenses realizaram no Irã quando se viram ameaçados em reduzir seus formidáveis lucros na extração do petróleo a partir das medidas políticas de Mossadegh.

Os Estados Unidos foram o principal suporte do governo imperial, repressivo e corrupto do xá Reza Pahlevi em favor da exploração de petróleo no país, tendo acesso às fabulosas reservas e sendo o principal produtor de derivados ao terem amplo controle desse mercado em tempos de barris a preços irrisórios. Com a primeira crise do petróleo em 1973, resultado da política interna estadunidense, somada à exigência de cotas compulsórias sobre as importações em favor das empresas prospectoras, foi impulsionada a criação da OPEP, junto a guerras entre os países árabes contra Israel que fez o petróleo do barril inflacionar entre 70 e 100%, no início dos anos setenta. Os estados árabes passaram a usar o recurso tão valorizado, no mercado internacional, como arma política contra as potências globais, principalmente as que apoiavam a existência do estado de Israel, e o Irã foi um desses atores, contrariando os estadunidenses. “Bernard Weintraub, [...] do *New York Times*, denunciou o xá [Reza Pahlevi] como ‘a figura central do golpe’ que levou à quadruplicação dos preços do petróleo e à militarização do Golfo Pérsico” (COGGIOLA, 2008, p. 60).

O aumento dos lucros extraídos da elevação do preço do petróleo no mercado internacional gerou uma corrida no governo iraniano pelo

aumento de armamento bélico para o país, comprando principalmente junto ao seu então grande parceiro no ocidente, os Estados Unidos. O intuito era conter os opositores ao regime internamente, mas também demonstrar força na região. Porém esse crescimento econômico não fez prosperar econômica e socialmente grande parte da população do país, aumentando a insatisfação como também a repressão no Irã. As coisas pioraram para o xá quando, em meados dos anos setenta, ele buscou reduzir a presença do islamismo na sociedade como forma de controle social. A ebulição social no Irã foi adquirindo mais força inflamado pelas lideranças do islã locais, em destaque o aiatolá Khomeini. Nas vésperas da Revolução, o embaixador do país nos Estados Unidos trouxe um recado do presidente Jimmy Carter e da CIA para Pahlevi: se fazia necessário um “golpe de força” para conter o movimento iminente de derrubada do xá. Nada adiantou e no início de 1979, após ataques à figura de Khomeini na imprensa oficial, o governo foi derrubado principalmente devido ao amplo apoio da população ao líder religioso.

“A política iraniana dos Estados Unidos entrara em colapso total” (Ibidem, p. 73). De um aliado do ocidente para fornecimento de recurso vital, a manutenção do poderio econômico, além de ser uma barreira decisiva no avanço soviético às águas quentes do Golfo Pérsico, o Irã se rebelou contra a intervenção estadunidense, estabelecendo um governo teocrático, nacionalista, antiocidental e armado militarmente após anos de aquisição de um poderoso arsenal junto aos Estados Unidos pelo governo monárquico.

Ao representar a bandeira iraniana sem o *Tawhid*, a Federação estadunidense de futebol tinha consciência do quão ofensivo estava sendo, visando a atingir a alma do Estado nacional que se reconstruiu com outros pilares, contrários aos do xá Reza Pahlevi, em 1979. Um símbolo nacional, como um símbolo religioso, exige-se respeito e uma afronta como a cometida pela USSF, durante a Copa do Catar, inviabiliza(rá) ainda mais qualquer restabelecimento de relações diplomáticas entre os países. Interessante destacar que uma das raras sinalizações de reaproximação entre Irã e Estados Unidos, nesses quarenta e poucos anos, desde a Revolução Iraniana, se deu pela via do futebol e numa Copa do Mundo, a da França, que marcava o retorno dos persas ao torneio, onde também ambas as seleções estavam no mesmo grupo na primeira fase. Antes da partida, no cumprimento das equipes, os iranianos ofereceram aos estadunidenses flores, os quais as aceitaram e registraram uma foto juntos com os atletas, consagrando aquele momento, o que mostra que, no futebol, os países não eram inimigos, apenas adversários. Vinte e quatro anos depois, o Irã se alocou novamente em um grupo com seus inimigos políticos históricos e acabou abreviando sua participação no Catar, sendo eliminado do torneio na primeira fase.

OS KOSOVARES DA SUÍÇA E A PARTIDA CONTRA A SÉRVIA

Já o grupo G reservou um encontro que, aparentemente, não apresentava questões que pudessem ser analisadas como geopolíticas, porém a partida entre Sérvia e Suíça representou um dos jogos mais tensos da Copa de 2022. A Suíça é historicamente conhecida pela sua posição política de neutralidade, mas o aspecto tensional apontava para a presença de descendentes de imigrantes kosovares (Granit Xhaka e Xherdan Shaqiri) no elenco suíço. Kosovo e Sérvia possuem uma disputa secular referente ao pertencimento ou não do território kosovar ao estado nacional sérvio.

Ao registrar uma foto do seu vestiário antes da estreia na Copa do Mundo contra o Brasil com um mapa do território kosovar pintado pela bandeira da Sérvia e com os dizeres “Sem rendição”, os sérvios estavam demonstrando uma clara afronta a Xhaka e Shaqiri (COPA ALÉM DA COPA, 2022e).

Sérvia e Kosovo são territórios inseridos na Península Balcânica, no sudeste europeu, tendo os eslavos como principal etnia o habitando a tempos remotos, porém seus grupos étnicos carregam disputas seculares por autonomia, identidade e religiosidade. A localização dos Balcãs é geoestratégica: conectada ao Mar Mediterrâneo pelo Mar Adriático no lado ocidental e pelo Egeu no lado oriental, se destacou na história como porta de entrada do Oriente com o Ocidente e vice-versa, ligando Europa, norte da África e Oriente Médio, nome este que surgiu baseado no “Oriente Próximo” forma como era conhecida a Península Balcânica. Essa posição proporcionou intensa circulação de povos e tribos por essas áreas como também ser alvo de cobiça por importantes impérios, como o Romano que usou a região como marco divisor dos seus territórios do oriente e ocidente no século IV, o Sacro Império Romano-Germânico que dominou a sua parte norte a partir do século XII e o Turco-Otomano que invadiu ao sul a partir do século XIV, ambos tendo o controle político da região até a Primeira Guerra Mundial (HOBSBAWN, 1988). Reativando a análise de Mackinder e estabelecendo conexão com a análise acima, o ponto crucial dessa Ilha Mundial era o leste europeu: “quem dominar o leste da Europa domina o Heartland dominará a Ilha Mundial, e quem dominar a Ilha Mundial dominará o mundo” (BECKER, op. cit., p. 279).

O grupo étnico predominante, na região, são os sérvios, que tomaram para si a defesa do domínio dos Balcãs pelos povos eslavos. A partir do século XIX com a onda de formação de Estados Nacionais, de um sentimento nacionalista e de busca por uma identidade de pertencimento a um grupo e a um território, os sérvios vieram a liderar o movimento de autonomia da Península e a construção de um Estado Nacional, obtendo esse reconhecimento, no final do século XIX, pelas principais potências europeias, mas contestada pelo Império Austro-húngaro que controlava a parte norte dos Balcãs.

A questão era a presença de eslavos de outros grupos como também de outras etnias que compunham o cenário multifacetado da região, como os eslavos convertidos ao islã que se tornaram bôsnios (ocupando o norte da península) e os albaneses islâmicos que migraram

para o Kosovo (territórios do centro-sul). Aproveitando o enfraquecimento político e militar do Império Otomano nas portas da Primeira Guerra Mundial, os sérvios avançaram no processo de retomada do domínio de territórios ao sul, na fronteira com a Grécia, porém ainda sofriam a interferência política, militar e de domínio territorial ao norte, pelo Império Austro-Húngaro.

O famoso tiro do sérvio-bósnio, Gravilo Princip, no herdeiro do Império que os subjugava, o arquiduque Francisco Ferdinando, em junho de 1914, principiou a I Guerra Mundial a partir do “barril de pólvora da Europa” (HOBSBAWN, *Ibidem*, p. 264), resultado do sentimento de luta pelo nacionalismo eslavo (pan-eslavismo), da oposição ao domínio imperialista na região e da busca por identidade e construção de um estado nacional eslavo. Após o fim do conflito em 1918, ocorreu a formação do reino da Sérvia, Croácia e Eslovênia de domínio sérvio que passou a administrar a região do Kosovo, de predominância étnica albanesa. A partir de 1929, formou-se a Iugoslávia, um estado nacional com o intuito de unir os povos eslavos, tendo sucesso nesse propósito principalmente durante o período do governo autoritário do Marechal Tito, que equalizou os ânimos dos diversos grupos étnicos eslavos a mãos de ferro até a sua morte nos anos oitenta. Sem Tito no poder e com o esfacelamento do bloco socialista soviético, a Iugoslávia se fragmentou e disputas políticas e militares por formação de estados nacionais nos Balcãs se acirraram.

Em destaque para nosso contexto, o Kosovo, território no centro-sul da península, fazendo fronteira com a Albânia e a Grécia, também, buscava sua independência, porém os sérvios possuíam ligações históricas e sentimento de territorialidade com aquela parte dos Balcãs. Ocupada pelas primeiras tribos sérvias quando da chegada na Península, perderam o controle do território para o Império Turco-Otomano na chamada “Batalha do Kosovo” em 1389, onde o príncipe Lázaro da Sérvia liderou e pagou com a vida a derrota na batalha. Lázaro nasceu em território kosovar e daí compreendemos a ligação afetiva dos sérvios com essa região. Completada a conquista do Kosovo pelos turcos-otomanos, eles realizaram uma transferência de albaneses (outro povo dominado, fronteira com o Kosovo) para o território que estava desabitado (HOBSBAWN, 1991).

Novamente inserindo a Primeira Guerra Mundial no contexto, o enfraquecimento político e militar dos turco-otomanos, na véspera da eclosão do conflito, os fez ser expulsos pelos albaneses que anexaram o Kosovo ao seu território, porém após o fim da guerra as terras kosovares foram anexadas ao Reino dos Sérvios que reivindicaram sua posse e posteriormente a Iugoslávia. A morte de Tito e o esfacelamento do Estado iugoslavo fizeram reacender um movimento kosovar de independência, duramente reprimido pelos sérvios, resultando em guerra entre os povos no final do século passado. Mesmo se declarando independente em 2008, com apoio da União Europeia e dos Estados Unidos, os vetos no Conselho

de Segurança da ONU da China e Rússia que apoiam as reivindicações sérvias acabaram mantendo o impasse na península.

Voltando para a Copa, a partida terminou com a Suíça triunfando por 3 a 2 e o gol de abertura foi do suíço-kosovar Shaqiri, que pediu silêncio aos torcedores sérvios e foi ainda mais vaiado. Já o outro suíço-kosovar, Xhaka, na sequência ao gol, em um bate-boca com os jogadores adversários, fez um gesto obsceno na direção do banco de reservas da Sérvia e um princípio de confusão iniciou-se em campo. O treinador sérvio Dragan Stojkovic foi acusado de racismo ao xingar mulheres albanesas e kosovares ao comemorar um dos gols da derrota, mas imagens não foram captadas. Após o fim da partida ambos os atletas foram cercados pelos colegas suíços, temendo agressões por parte dos sérvios. Para comemorar a vitória, Xhaka vestiu ao contrário a camisa do companheiro de seleção, Ardon Jashari, fazendo clara referência a Adem Jashari, líder revolucionário pela independência do Kosovo que foi morto durante o conflito entre os países no final do século vinte (SUÍÇA, 2022).

Na Copa anterior, na Rússia, ambas as seleções também se encontraram e novamente os suíços venceram por 2 a 1 com os atletas de origem albanesa, marcando os gols e comemorando com as mãos o símbolo da águia, presente na bandeira da Albânia. A FIFA, que proíbe manifestações políticas, multou os atletas em 2018 com R\$ 10 mil francos suíços, porém nessa Copa nem a Sérvia foi punida pela bandeira, nem os atletas suíços foram repreendidos pelas comemorações, nem se comprovou o racismo do técnico sérvio contra as albanesas, mas as tensões entre atletas de origem kosovar e a Seleção permanecerão sem sinal de uma resolução final.

A Rússia, sede da Copa anterior, mas banida do torneio ainda nas eliminatórias devido à invasão do seu exército ao território ucraniano, em fevereiro de 2022, nas vésperas de jogar a semifinal da repescagem europeia contra a Polônia, também se fez presente no torneio catariano, mesmo que indiretamente. Na véspera do tenso jogo entre Suíça e Sérvia, em São Petersburgo, um amistoso de clubes entre os russos do Zenit e os sérvios do Estrela Vermelha, tiveram faixas espalhadas pelo estádio com os dizeres: “vida longa para Rússia e Sérvia” e “Kosovo é da Sérvia”. Historicamente os russos possuem laços estreitos com os eslavos devido à proximidade étnica e interesses geopolíticos dos russos na península. O Império Russo apoiou o pan-eslavismo e a formação de um Estado Nacional eslavo, no século XIX, da mesma forma que a União Soviética estabeleceu relações políticas e militares com a Iugoslávia de Tito, que adotou o socialismo como forma de governo.

A Ucrânia, embora tenha sido invadida pelos russos, na sua parte leste, e perdido uma vaga europeia para o Catar na repescagem final para o País de Gales, foi lembrada, no Oriente Médio, pela torcida espanhola no jogo contra os alemães. Uma bandeira ucraniana com o símbolo do Batalhão Azov, uma milícia neonazista integrada às forças armadas da Ucrânia foi erguida e rapidamente retirada da torcida pelos seguranças do estádio (COPA ALÉM DA COPA, 2022f). Sendo adversários históricos

dos russos, o Ocidente faz vista grossa à estreita ligação do Estado Nacional ucraniano com grupos paramilitares de extrema-direita no país.

CLAMOR SENEGALÊS

Como último destaque geopolítico na Copa do Catar, apontamos o protesto do jogador senegalês Ismaila Sarr ao comemorar o seu gol contra o Equador. O atleta do Watford da Inglaterra vendou os olhos com a mão esquerda e com a direita simulou uma arma contra sua cabeça. Sarr repetiu o gesto/protesto criado por outro jogador africano, o congolês Cédric Bakambu que, em fevereiro de 2022, ao marcar um tento pelo seu então time, o francês Olympique de Marselha, protestou contra o descaso do mundo para as guerras civis e massacres constantes no continente africano (COPA ALÉM DA COPA, 2022g). Bakambu vem de um país fruto de uma colonização belga perversa, a República Democrática do Congo, como tantos outros países da África que sofreram as agruras do imperialismo europeu. O processo de independência/descolonização em muitos desses territórios não trouxe paz nem perspectiva de prosperidade, pelo contrário, acirrou disputas políticas e territoriais e se manteve alvo de interesse geopolíticos das importantes potências globais até os dias atuais.

A colonização constitui apenas uma empreitada militar e econômica, posteriormente defendida por um regime administrativo apropriado; [...] Coloca todo um povo diante de súbita mudança. Uma nação inteira, sem estar preparada para isso, vê-se obrigada a se adaptar ou, se não, sucumbir. Tal situação conduz necessariamente a um desequilíbrio moral e material, cuja esterilidade não está longe da desintegração completa. (ABBAS apud BOAHEN, 2010, p. 30).

O ato de Bakambu, replicado na Copa de 2022 por Sarr nos faz lembrar que a Europa não pode e não deve ser isenta de parcela de culpa considerável referente ao que acontece ainda hoje no continente africano relacionado a guerras civis, conflitos interétnicos e instabilidade política e econômica. Sudão, Níger, Mali, República Democrática do Congo, Somália são alguns exemplos de estados nacionais africanos que obtiveram sua independência, mas ainda carregam marcas cruéis do legado imperialista europeu entre os séculos XIX e XX.

“A Europa é indefensável” (CÉSAIRE, 1978, p. 13) sentenciou o martinicano Aimé Césaire, oriundo de uma área colonial francesa no Caribe em seu livro-denúncia sobre as atrocidades cometidas pelos estados nacionais imperialistas europeus pelo mundo. De fato, os crimes cometidos por Bélgica, Reino Unido, França, Itália, Portugal, Espanha, Holanda, Alemanha em territórios coloniais dominados chocam. O Congo de Bakambu, por exemplo, foi administrado como propriedade pessoal do rei Leopoldo II da Bélgica obtido a partir de uma poderosa rede de influência que o rei dos belgas ostentava, e marcado por todo tipo de

violência aos direitos humanos que a maldade dos opressores foi capaz de cometer.

Coroadado rei dos belgas, em 1865, no poder Leopoldo II ansiava inserir a Bélgica no centro do tabuleiro geopolítico europeu que naquele cenário histórico construía as bases para ações imperialistas mundo afora, avançando seus exércitos, máquina de estado e rede de influência rumo à conquista de territórios na busca por riquezas naturais. Após fracassos e estudos de territórios a explorar, prontamente Leopoldo demonstrou interesse na África, deixando claro seus planos ao fundar a Associação Internacional Africana (AIA), reunindo estudiosos de diversas áreas científicas com o intuito de acumular conhecimentos diversos sobre o continente africano, promovendo também a Conferência Geográfica de Bruxelas, tudo em 1876. Um ano depois criou a Sociedade Real da Geografia, seguindo o panorama europeu à época de valorização das ciências, em destaque um novo ramo científico que vinha sendo sistematizada há algumas décadas e se apresentava de grande serventia aos estados nacionais europeus e aos seus interesses de expansão de territórios, no caso, a Geografia (MILANI, 2009).

Considerado frágil geopoliticamente pelos seus pares europeus, recém-criado enquanto estado nacional (conquistou sua independência da Holanda na década de 30 do século XIX) e com o discurso de combate ao tráfico de escravos ganhou a simpatia das potências do continente em seu plano de administrar um território na África. Apontava que “nações civilizadas” deveriam organizar os serviços administrativos, judiciais, religiosos e militares nos territórios africanos, estabelecer infraestrutura e modernização dos transportes dos pontos de extração de recursos naturais rentáveis economicamente com os rios (visando escoar o explorado para a Europa), vias de comunicação avançadas para a época e limitar a comercialização de armas de fogo no continente para os africanos, inviabilizando uma contraofensiva dos oriundos do território com armas de mesma modernidade das usadas pelos europeus. “Os governos adoptarão todas as providências que julgarem necessárias para assegurar, tão completamente quanto possível, a execução das disposições relativas à importação, à venda e ao transporte das armas de fogo e munições” (ACTO, [19--?], p. 64).

Três anos depois Leopoldo II contratou em nome da AIA Henry Morton Stanley⁷ para mapear, demarcar e trazer informações valiosas do ponto de vista físico e social/cultural sobre a bacia do Rio Congo buscando atender aos anseios geopolíticos do rei belga. A bacia do rio Congo era o ponto mais impenetrável para os europeus no continente africano devido: ao clima equatorial, sendo muito quente e muito úmido

⁷ Jornalista inglês designado pelo *New York Herald* em 1869 ao buscar o paradeiro do missionário David Livingstone que havia ido a África em busca da nascente do rio Nilo e estava desaparecido há alguns anos, o encontrando em 1871 perto do Lago Tanganica. Acabou obtendo preciosas informações sobre a nascente do rio Congo, navegando seus cerca de 1.600 km até o estuário no Oceano Atlântico. Stanley passou a ser crucial para os planos geopolíticos de Leopoldo I.

o ano inteiro; à presença da Floresta do Congo, uma vegetação típica de áreas climáticas equatoriais com mata densa, árvores de grande porte, latifoliadas, de fauna inóspita e diversidade de animais selvagens de todos os portes; além do relevo irregular com o planalto dos Grandes Lagos na nascente-montante e de planície na jusante e foz em estuário. Acessar o território por via terrestre era muito arriscado, o volume de água do rio Congo impedia navegar contra a correnteza e não havia condições tecnológicas de transporte para acesso por vias aéreas. Usando de toda sua capacidade de articulação política e diplomática, Leopoldo II arquitetou a Conferência de Bruxelas e convocou estudiosos europeus de renome para anunciar seu plano de “abrir a bacia do Congo à civilização ocidental” (MUNANGA apud HONORATO e PAIVA JÚNIOR, 2020, p. 249.), preparando as bases para a fundação da Associação Internacional Africana, que em pouco tempo foi percebido na Europa quais eram as reais intenções do rei belga. Tendo acesso ao conhecimento produzido por Henry Stanley sobre a bacia do Congo, Leopoldo II articulou sua meta de também ter um território a explorar na África, a partir da Conferência de Berlim de 1884-85. Usando da imagem ‘fragilizada’ de estado secundário no tabuleiro imperialista europeu, da rede de personalidades políticas importantes aos quais tinha acesso, do conhecimento adquirido sobre a África equatorial e propondo uma solução de consenso para o impasse territorial da bacia do rio Congo⁸, Leopoldo II alcançou seu objetivo: adquiriu um enorme pedaço do disputadíssimo território africano para administrar. Foi fundado o Estado Livre do Congo.

A violência denunciada no gesto de Cédric Bakambu e replicada por Ismaile Sarr, ganhando visibilidade global por ter sido feito na Copa do Mundo do Catar, remete ao presente, mas perfeitamente pode ser conectada ao passado agressivo de opressão imperialista belga ao povo congolês. De caráter meramente exploratório, as terras africanas de Leopoldo logo foram sendo prospectadas para a extração de látex das seringueiras presentes na floresta equatorial, expropriadas pelo governo e imposta a corveia (entrega de alimentos pelos agricultores locais aos europeus) e caça de elefantes para a retirada do marfim. Tudo à base de uma violência extrema com uma meta absurda de extração de látex para estimular maior produtividade, os congolezes eram ameaçados a gerar mais riqueza a Leopoldo II, desde medidas punitivas, enforcamento, fuzilamento e até mutilação de membros, reverenciados entre os belgas como troféu e rendendo lucro financeiro ao mutilador (HONORATO e PAIVA JÚNIOR, Idem). Não há defesa para essas atrocidades.

A Bélgica, hoje, Estado Nacional com certa diversidade étnica, devido tanto a migração de congolezes para o país após o processo de independência, necessários à ocupação de postos de trabalho

⁸ Leopoldo II propôs aos seus pares europeus na Conferência de Berlim a livre navegação pelas águas da bacia do Congo de todos que atuassem na África com total ausência de taxas alfandegárias para trafegar produtos, cessão de direito de preferência à França do referido território belga na África em caso de fracasso dos planos imperialistas do rei da Bélgica. (MUNANGA, Idem)

principalmente os subalternos, quanto também de árabes (em destaque os marroquinos) e europeus do sul e leste do continente, tem como marca histórica uma das piores formas de colonização que o imperialismo europeu produziu no continente africano. Meses antes da Copa, em junho de 2022 o rei Filipe, atual monarca belga fez uma histórica visita à República Democrática do Congo e no Palácio do Povo na capital Kinshasa ele assumiu o caráter de “paternalismo, discriminação e racismo” da colonização belga no país africano admitindo que o regime “era baseado em exploração e dominação”. Porém, como questionou a senadora congoleza, Francine Muyumba Nkanga, o arrependimento presente nas palavras do rei Filipe para a nação da África equatorial não bastava. “Saúdo o discurso do rei belga. No entanto, perante os crimes cometidos pela Bélgica, arrependimento não basta. [...] Esperamos dele um pedido de desculpas e uma promessa de reparações” (REI, 2022).

A seleção nacional belga que representou o país no Catar, com os torcedores locais orgulhosos de referências técnicas como Romelu Lukaku, Youri Tielemans e Michy Batshuay, todos atletas de origem congoleza⁹, ao mesmo tempo convivem em uma sociedade que apoia políticas que dificultam o acesso e permanência de imigrantes no seu território, conforme noticiou uma reportagem da *Carta Capital* de julho de 2018. O então primeiro-ministro de direita Charles Michel entregou refugiados sudaneses que tentavam abrigo na Bélgica ao governo africano, notório pela violência a opositores, onde alguns foram torturados por autoridades do país africano ao regressarem.

É sintomática a situação de descendentes de imigrantes que nasceram, cresceram e vivem na Europa, a partir da fala da estrela belga Lukaku sobre como eles são vistos no continente: “Quando as coisas corriam bem, eles me chamavam de Romelu Lukaku, o atacante belga. Quando as coisas não corriam bem, eles me chamavam de Romelu Lukaku, o atacante belga descendente de congolezes” (EUROPA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Copa de 2022, do ponto de vista geopolítico, posicionou os holofotes do jogo de poder entre os Estados Nacionais para o Oriente Médio. Os pinos do tabuleiro se moveram a favor, por exemplo, do Catar por motivos óbvios, mas também da Arábia Saudita. Tanto o emirado quanto a monarquia absolutista árabe buscam melhorar suas imagens perante o mundo, usando o futebol como uma das formas de suavizar a visão, principalmente do ocidente, para as suas formas de governo no que vem sendo denunciado desde a primeira do século XXI como *sportwashing*.

A Arábia Saudita pautou o noticiário da Copa com a espantosa vitória de virada contra os argentinos, na estreia no torneio, mas

⁹ A seleção belga de futebol masculino convocou para a Copa do Mundo do Catar 26 atletas, sendo dez deles descendentes de imigrantes, com quatro de origem da República Democrática do Congo: Lukaku, Tielemans, Batshuay e Lõis Openda.

principalmente pelo avançar das negociações do Al-Nassr, clube da capital saudita Riad, com o astro português Cristiano Ronaldo a partir do final de novembro quando o atacante se despediu dos ingleses do Manchester United, seu último clube, até a consolidação efetiva na véspera da virada do ano com um valor por dois anos e meio de contrato recorde para um jogador de futebol¹⁰, que serviria também para ser o principal divulgador e cartaz do futebol saudita, como também, do próprio país. “O veterano abraça de vez o que é também um projeto governamental, para promover a Arábia Saudita – e por tabela, limpar a imagem de um regime tantas vezes acusado de autoritarismo e repressão” (STEIN, 2022b).

Mas o maior êxito geopolítico na região, através da Copa do Mundo, foi mesmo do Catar. O minúsculo emirado, que deixou o planeta do futebol perplexo com sua escolha como sede, além de realizar um torneio suntuoso, logrou êxito geopolítico na estratégia traçada primeiro pelo pai Hamad bin Khalifa Al-Thani e depois pelo filho Tamim bin para tornarem o Catar visto, no cenário político global, criando, assim, uma imagem agradável no ocidente, antagônica ao olhar geral de autoritarismo, terrorismo e violação de direitos que os estados nacionais do Oriente Médio possuem.

A FIFA e algumas potências globais como a França foram fiadoras desse plano catariano, como ficou provado desde o encontro na sede do governo francês que selou o direcionamento de votos que chancelou a escolha do Catar para 2022, como a ida duas vezes ao país em uma semana do presidente francês Emmanuel Macron, com a desculpa de ir apoiar sua seleção nacional na semifinal e final do torneio mesmo com a grave denúncia naquele período de que uma eurodeputada grega teria recebido propina do governo catariano para defender seus interesses no Parlamento Europeu (MACRON, 2022), até as inúmeras passadas de pano do presidente da FIFA Gianni Infantino, como na véspera do início do torneio querendo rebater as críticas à organização do Catar referente a direitos humanos para o evento relativizando que “hoje me sinto catari, hoje me sinto árabe, hoje me sinto africano, hoje me sinto gay, hoje me sinto deficiente, hoje me sinto trabalhador imigrante” (COPA ALÉM DA COPA, 2022i) ou ao proibir braçadeiras em alusão à comunidade LGBTQIA+ que algumas seleções europeias usariam nos braços dos capitães e mensagem em defesa dos direitos humanos no uniforme da seleção dinamarquesa, claramente fazendo referência à repressão aos gays no país árabe e à violação de direitos humanos aos trabalhadores

¹⁰ Os valores concentraram-se em torno € 200 milhões para atuar pelo clube saudita, mas também por acordos comerciais com a monarquia. A partir daí, notáveis nomes do futebol masculino aceitaram atuar por clubes sauditas para a temporada 2023/24. Destaque para: o Al-Hilal acertou com os brasileiros Neymar um contrato de € 320 milhões por duas temporadas, Malcom por € 60 milhões, com o espanhol Rúben Neves por € 55 milhões e o sérvio Milinkovic-Savic por € 42 milhões. O Al-Ittihad trouxe a estrela francesa Karim Benzema por € 172 milhões por temporada e seu compatriota N'Golo Kanté ganhando € 86 milhões de salário anual.

que construíram os equipamentos para a Copa do Mundo. Os interesses e negócios da FIFA no Oriente Médio não poderiam ser atrapalhados, muito menos os do xeque catariiano, na visão deles.

Em coluna no jornal *Deutsche Welle* o jornalista sul-africano Matt Ford reforçou a tese de que com essas atitudes inescrupulosas de entregar o espetáculo máximo do futebol nas mãos de um governo opressor por uma quantidade absurda de dinheiro, a FIFA mais uma vez, demonstra na essência que o esporte nunca será seu (FORD, 2022). O ponto máximo dessa entrega da Copa do Mundo e do que a entidade controla em relação ao futebol foi após a eletrizante final entre Argentina e França, que reuniu dois dos três mais valiosos funcionários do xeque catariiano no Paris Saint-Germain em uma exibição sublime¹¹, na entrega da icônica Taça FIFA ao capitão da seleção campeã, Tamim bin Hamad Al Thani ofuscou o emblemático gesto de erguimento do troféu ao embalar Lionel Messi a uma *bisht*, uma capa masculina preta e dourada usada pela realeza e elite social local.

Infelizmente essas articulações e jogos geopolíticos não são novidade e nem deixarão de acontecer no meio do futebol. O esporte é uma forma de conquista de povos, territórios, espaços econômicos sem desferir um mísero tiro e os grandes atores políticos globais já perceberam isso há tempos. A tendência adotada para os próximos torneios masculinos pela FIFA é agrupar países vizinhos como sedes de uma Copa e a próxima será no bloco econômico *USMCA*¹², provavelmente com a FIFA buscando refazer as pazes com os Estados Unidos após este ter sido passado para trás na escolha da sede do torneio, que já estava costurado para ser em 2022, até aparecer o poder político e econômico do Catar. Aguardemos até 2026.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTO geral da Conferência Internacional de Bruxelas para pôr termo ao tráfico de escravos. [S.I]: [s.n.], [19--?]. Disponível em: <https://www.fd.unl.pt/anexos/investigacao/1391.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BECKER, Bertha K. A Geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In: *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 7 ed., 2005.

BLATTER diz que escolher o Catar como sede da Copa do Mundo de 2022 foi um erro. *Terra*. 8 nov. 2022. Disponível em:

¹¹ O argentino Lionel Messi e o francês Kylian Mbappé àquele momento jogavam juntos no clube francês.

¹² *USMCA* é a sigla em inglês para o acordo comercial estabelecido por Estados Unidos (US), México (M) e Canadá (CA) em 2018 que substituiu o *NAFTA*, primeiro acordo entre o trio realizado em meados da década de noventa do século passado.

<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/blatter-diz-que-escolher-o-catar-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2022-foi-um-erro,dea065c99300cbdcf16303acc6c84d1cstao7bww.html>. Acesso em: 29 dez. 2022.

BOAHEN, Albert Adu (Org.). *História Geral da África – VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2 ed.rev., 2010.

CABO, Álvaro. O estabelecimento da FIFA e a realização da primeira Copa do Mundo de futebol no Uruguai – Uma visão oficial a partir de Jules Rimet. In: *XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH: conhecimento histórico e diálogo social*. Natal, Anais, jul. 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364774421_ARQUIVO_OestabelecimentodaFIFAedaprimeiraCopadoMundoapartirdeJulesRimet.pdf

CATAR pagou R\$ 3,8 bi à Fifa para ser a sede da Copa de 2022. *Placar*. 28 set. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/catar-pagou-r-38-bi-a-fifa-para-ser-a-sede-da-copa-de-2022/#:~:text=O%20governo%20do%20Catar%20teria,Sunday%20Times%20neste%20domingo%2C%2010>. Acesso em: 9 mar 2023

CANETTIERI, Thiago. A importância do futebol como instrumento da Geopolítica Internacional. *Revista de Geopolítica*, Ponta Grossa, v.1, n.2, p. 116-128. Jun/dez. 2010.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

COPA ALÉM DA COPA. *A Costa Rica cancelou o amistoso que faria hoje contra o Iraque em preparação para a Copa do Mundo*. 17 nov. 2022. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIEG_EUgr8c/. Acesso em: 17 nov. 2022a.

_____. *Inglaterra e Irã só se enfrentam na próxima segunda-feira*, 21. 17 nov. 2022b. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIEJ-IrA5M7/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

_____. *Antes do jogo de hoje, outra vez o técnico do Irã, o português Carlos Queiroz, se manifestou contra perguntas sobre política*. 25 nov. 2022c. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIY2-7FtjXx/>. Acesso em: 26 nov. 2022.

_____. *O uso de uma bandeira errada do Irã nas redes sociais da seleção dos EUA não foi apenas uma troca inocente*. 29 nov. 2022d. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CljYVYTM_Lj/. Acesso em: 1 dez. 2022.

_____. *Antes do jogo como [sic] Brasil, a seleção da Sérvia enfeitou seu vestiário no Estádio Lusail com um mapa de Kosovo e bandeira sérvia pintada sobre ele, com uma mensagem: “sem rendição”*. 25 de nov. 2022e. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIYilheAE8b/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

_____. *Torcedores espanhóis exibiram no jogo contra a Alemanha uma bandeira do Batalhão Azov, milícia neonazista integrada à força militar da Ucrânia*. 29 nov. 2022f. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ClI_80_AI0f/. Acesso em: 28 dez. 2022.

_____. *Protestos e manifestações políticas costumam ganhar os holofotes quando acontecem na Copa do Mundo*. 5 dez. 2022g. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClYK0nks53w/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

_____. *Gianni Infantino fez hoje aquele que talvez seja o seu discurso mais bizarro como presidente da FIFA*. 19 nov. 2022i. Instagram: @copaalemdacopa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClJekx6gQJ9/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1992.

EUROPA nega abrigo, mas comemora gols dos filhos de imigrantes. *Carta Capital*. 6 de jul. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/europa-nega-abrigo-mas-comemora-gols-dos-filhos-de-imigrantes/>. Acesso em: 2 maio 2023.

FIFA anuncia Rússia e Qatar como sedes das Copa de 2018 e 2022. *Globo Esporte.com*. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/12/fifa-anuncia-russia-como-sede-da-copa-do-mundo-de-2018.html>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2023.

FORD, Matt. Final da Copa mostrou que o futebol nunca pertencerá à Fifa. *Deutsche Welle*. 19 dez. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-final-espetacular-da-copa-mostrou-que-o-futebol-nunca-pertencer%C3%A1-%C3%A0-fifa/a-64149766>. Acesso em: 1 jun. 2023.

“FRANCE Football” denuncia que Catar comprou votos para sediar Copa de 2022. *Terra*. 29 jan. 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/france-football-denuncia-que-catar-comprou-votos-para-sediar-copa-de-2022,b2550c5263e7c310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 1 mar 2023.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HONORATO, Felipe A. e PAIVA JÚNIOR, Paulo César de A. Rei branco, morte negra: um olhar sobre a trajetória psicopolítica de Leopoldo II da Bélgica. *Revista África[s]*, Alagoinhas, v. 7, n. 13, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php.africas/article/view/9416>

MACRON “assume totalmente” a visita ao Qatar para apoiar a seleção francesa. *Record*. 15 dez. 2022. Disponível em: <https://www.record.pt/internacional/competicoes-de-selecoes/mundial/mundial-2022/detalhe/macron-assume-totalmente-a-visita-ao-qatar-para-apoiar-a-selecao-francesa>. Acesso em: 28 maio 2023.

MILANI, Martinho. Sociedade Real Geográfica Belga e o Congo: imperialismo, a Roedura Geopolítica (1877-1908). *II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*. São Paulo: USP, 2009.

REI Belga lamenta passado colonialista em visita ao Congo. *Deutsche Welle*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/rei-belga-lamenta-passado-colonialista-em-visita-ao-congo/a-62069188>. Acesso em: 1 maio 2023.

STEIN, Leandro. Os astros do Irã na Copa de 1978 que se mudaram aos Estados Unidos e ajudaram a formar talentos no novo país. *Trivela*. São Paulo, 28 nov. 2022a. Disponível em: <https://trivela.com.br/copa-do-mundo/os-astros-do-ira-na-copa-de-1978-que-se-mudaram-aos-estados-unidos-e-ajudaram-a-formar-talentos-no-novo-pais/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

_____. A transferência de Cristiano Ronaldo para o Al-Nassr é sobre futebol, mas ainda mais sobre dinheiro e poder. *Trivela*. São Paulo, 30 dez. 2022b. Disponível: <https://trivela.com.br/asia-oceania/a-transferencia-de-cristiano-ronaldo-para-o-al-nassr-e-sobre-futebol-mas-ainda-mais-sobre-dinheiro-e-poder/>. Acesso em: 15 maio 2023.

PJEVAC, Felipe. A Copa no Catar: vale tudo pelo futebol? *Agemt*. São Paulo, 19 nov. 2022. Disponível em:

<https://agemt.pucsp.br/noticias/copa-no-catar-vale-tudo-pelo-futebol>. Acesso em: 06 jan. 2023.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SUIÇA elimina Sérvia em jogo tenso, com virada dupla, e pega Portugal nas oitavas. *Globo Esporte.com*. Rio de Janeiro, 2 dez. 2022. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/jogo/02-12-2022/servia-suica.ghtml#:~:text=Em%20jogo%20nesta%20sexta%2DfEira,pegam%20Portugal%20no%20mata%2Dmata>. Acesso em: 2 jan. 2023.

Recebido em 27 de junho de 2022
Aprovado em 12 de agosto de 2023